

DISCUSSÕES DE JULGAMENTO MORAL- IDIOSINCRASIAS DO CASO BRASILEIRO

Ângela M, B. Biaggio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO - Este trabalho descreve uma série de estudos nos quais a técnica de discussão de grupo de Kohlberg e Blatt foi utilizada, com o objetivo de aumentar o nível de maturidade de julgamento moral. Os sujeitos do Estudo 1 foram 31 alunos de oitava série, de ambos os sexos, que revelaram ganhos significativos de pré para pós-teste. O Estudo 2 teve como sujeitos estudantes de Pedagogia, que também apresentaram ganhos.

Os resultados mais interessantes foram acidentais. Os adolescentes brasileiros geralmente não aceitam bem ter de discutir dilemas trazidos pelo pesquisador ou pelo coordenador das discussões de grupo. Foi feita uma tentativa de elaboração de dilemas com um grupo de adolescentes e com estudantes de mestrado, depois de participarem das discussões (no caso dos adolescentes) e depois de conhecer a teoria e o instrumento de Kohlberg (no caso dos estudantes de mestrado). Três desses dilemas são reproduzidos, para finalidades ilustrativas.

A relutância em aceitar dilemas prontos e discutida a luz de resultados anteriores que revelam baixa incidência de pensamento tipo estágio 4 (lei e ordem) entre os jovens brasileiros, e à luz da atual conjuntura política e educacional. A necessidade de adaptação da técnica de discussão e outras técnicas análogas é enfatizada.

MORAL JUDGEMENT DISCUSSION GROUPS - IDIOSYNCRASIES OF THE BRAZILIAN CASE

ABSTRACT-This paper describes a series of studies in which Kohlberg and Blatt's group discussion technique was utilized with the purpose of raising maturity of moral judgement. Subjects in Study I were 31 eighth-graders of both sexes who showed significant gains from pre-test to post-test. Study II has as subjects Education undergraduate students who also showed gains in moral maturity. The most striking results were a case of serendipity: Brazilian adolescents generally do not like to discuss dilemmas brought by the experimenter or group discussion coordinator. An attempt was made to elaborate a set of locally relevant dilemmas after participating in the group discussions and after learning the basics of Kohlberg's theory. Three of these dilemmas are reported in full, for illustrative purposes.

The reluctance to accept ready-made dilemmas is discussed in terms of previous findings of low incidence of Stage IV thinking among Brazilians. The need for adaptation of the moral discussion technique and analogous ones is emphasized.

Este trabalho se baseia na teoria de desenvolvimento do julgamento moral de Kohlberg (1963, 1964, 1970), que afirma que os princípios éticos são distintos de regras e crenças convencionais e arbitrárias e que além disso têm uma seqüência evolutiva invariante, muito semelhante às postuladas por Piaget (1932) para o desenvolvimento cognitivo em geral. Kohlberg justifica sua posição com pesquisas que verificaram a mesma seqüência de estágios em várias culturas e subculturas.

Kohlberg, que há mais de 20 anos se dedica aos estudos do julgamento moral, chegou a postular os estágios de desenvolvimento moral a partir de considerações teóricas e filosóficas (tais como o "imperativo categórico" de Kant), bem como a partir do que as crianças e adolescentes realmente dizem diante de dilemas gerais propostos sob forma de pequenas estórias. Um exemplo de uma das estórias usadas por Kohlberg é apresentada a seguir.

"Na Europa, uma mulher estava quase à morte, com um tipo de câncer. Havia um remédio que os médicos achavam que poderia salvá-la. Era uma forrria de radium que um farmacêutico na mesma cidade havia descoberto recentemente. O remédio era caro para se fazer e o farmacêutico estava cobrando dez vezes mais do que ele lhe custava na fabricação.

O marido da mulher doente, Heinz, foi a todo mundo que ele conhecia para pedir dinheiro emprestado, mas só conseguiu aproximadamente a metade do preço do remédio. Ele disse ao farmacêutico que sua mulher estava morrendo, e pediu-lhe para vender o remédio mais barato ou deixá-lo pagar depois. Mas o farmacêutico disse: 'Não, eu descobri o remédio e vou ganhar dinheiro com isso'. Então Heinz ficou desesperado e assaltou a farmácia para roubar o remédio para sua mulher".

Os seis estágios postulados por Kohlberg se enquadram em três níveis; pré-convencional, convencional e pós-convencional.

NÍVEL I - PRE-CONVENCIONAL(ou pré-moral)

Estágio 1 - Orientação para a punição e a obediência

Estágio 2 - Hedonismo instrumental relativista

NÍVEL II - CONVENCIONAL (moralidade de conformismo)

Estágio 3 - *Moralidade* "bom garoto", de manutenção de boas relações

Estágio 4 - Autoridade mantendo a moralidade

NÍVEL III - PÓS-CONVENCIONAL (moralidade de princípios morais aceitos conscientemente)

Estágio 5 - Moralidade de contrato e de lei democraticamente aceitos

Estágio 6 - Moralidade de princípios individuais de consciência,

Vejamos brevemente o que caracteriza cada um desses estágios.

No nível pré-moral, não há propriamente uma moralidade. Os atos são julgados de acordo com suas conseqüências.

No estágio 1, a criança (ou adulto imaturo) considera moralmente correto aquilo que não é punido; no estágio 2 só considera moralmente correto aquilo que dá prazer. Assim, se Heinz foi preso, o ato é considerado moralmente errado; se não foi preso, está moralmente correto (estágio 1). No estágio 2, se ele precisa da mulher, o roubo é moralmente aceitável; do contrário não. No nível convencional, temos a internalização dos valores da sociedade. No estágio 3, os julgamentos morais são feitos em função da aprovação social, por exemplo, "Heinz deve roubar o remédio porque isto é o papel de um bom marido", ou "porque seus amigos o criticariam se não o fizesse". Enfatiza-se a afetividade e a boa intenção. No estágio 4, temos o respeito à autoridade, às regras e convenções. Frequentemente no estágio 4 se invocam as dificuldades em roubar o remédio porque roubar é contra a lei.

Já no nível pós-convencional, as pessoas adquirem uma capacidade de criticar a moralidade e a justificada moral vigente, sabem fazer exceções. E o espírito da lei que conta, não mais a letra da lei. Apenas nesse nível, encontramos pessoas capazes de modificar estruturas sociais injustas e propiciar um aprimoramento da sociedade.

A maneira de se avaliar em que estágio o sujeito se encontra é bastante complexa e um tanto subjetiva, porém permite chegar-se a um escore numérico (Kohlberg, 1963). Baseia-se na avaliação de vários conceitos morais básicos, tais como "valor da vida humana", "motivos para a ação moral", "bases para o respeito pela autoridade moral", etc, que são avaliados nas respostas a cada estória. Os estágios de que fala Kohlberg são estágios modais, no sentido em que as pessoas raramente respondem no mesmo nível em todas as estórias ou em todos os conceitos, como por exemplo: uma pessoa pode dar predominantemente respostas de estágio 4, porém geralmente dará também algumas de estágio 3, algumas de estágio 5 ou mesmo de outros estágios mais distantes. O estágio em que se classifica a pessoa é, portanto, o estágio predominante.

Kohlberg estudou culturas ocidentais e não ocidentais e seus resultados parecem indicar que os valores morais básicos são encontrados em todas as culturas e que se desenvolvem na mesma ordem.

Resultados bem semelhantes foram encontrados por Kohlberg com sujeitos de Formosa, México e Turquia. Embora detalhes de regras morais possam variar com a cultura, este pesquisador encontrou as mesmas seqüências de estágios.

Além desta autora (Biaggio, 1975, 1976), Lazari (1978, 1979) e Bzuneck (1975, 1979) realizaram estudos com amostras brasileiras, baseados na teoria de Kohlberg.

Kohlberg e seus colaboradores têm desenvolvido programas de aumento da maturidade de julgamento moral, que se baseiam fundamentalmente na noção de conflito. É através do conflito cognitivo que se passa de uma estrutura mais simples para uma mais elevada. Operacionalmente, isto significa que se pode avançar o estágio de desenvolvimento moral de uma pessoa, lançando-a em conflito, através da exposição a raciocínios próprios do estágio imediatamente superior àquele em que a pessoa se encontra.

Blatt e Kohlberg (1975) descrevem tal tipo de treinamento, com pré-adolescentes. O trabalho é feito em grupos, sendo que o líder do grupo, ou lança argumentos próprios do estágio imediatamente superior, ou aproveita quando um desses argumentos aparece espontaneamente em um dos membros do grupo.

Através desse tipo de trabalho de dinâmica de grupo, têm-se obtido avanços na maturidade de julgamento moral, de um estágio, ou até de dois estágios, porém não mais do que isso.

Estudos longitudinais revelam também que esses ganhos são bastante estáveis.

O primeiro trabalho brasileiro com este tipo de dinâmica de grupo foi realizado por Rodrigues (1977), tendo obtido ganhos significativos em maturidade de julgamento moral.

Três experiências foram realizadas com a técnica descrita acima, no programa discutido aqui:

- 1) Inicialmente foi feito um trabalho informal junto a um grupo de orientadoras educacionais interessadas no problema de valores. Solicitaram elas, a partir de uma palestra da autora, serem participantes de uma dinâmica de grupo desse tipo, a fim de melhor poderem lidar com a problemática de valores de seus

alunos. Neste estudo piloto, relatado em detalhe em Biaggio (1983), foi utilizado como pré-teste e pós-teste o instrumento de avaliação de julgamento moral de Kohlberg. O tratamento experimental consistiu de seis sessões de discussão de grupo utilizando-se traduções dos dilemas propostos por Blatt, Colby e Speicher (1974), colaboradores de Kohlberg.

Analisando os dados dos sujeitos que participaram de todas as sessões e para os quais há dados de pré e pós-teste, observaram-se ganhos na maturidade de julgamento moral do grupo, uma vez que, como se vê na Tabela 1, dos seis participantes, quatro aumentaram de estágio e os que não aumentaram já estavam inicialmente nos níveis mais altos.

Tabela 1

Estágios de julgamento moral de seis sujeitos antes e após dinâmica de grupo

Sujeitos	Estágio no Pré-Teste	Estágio no Pós-Teste	Diferença
A	5	5(6)	+1/2
B	4(5)	5(4)(3)	±1
C	5(6)	5(6)	0
D	3(4)	5(3)	±1,5
E	5(3)	5(3)	0
F	4(5)	5	+1/2

2) Dando continuidade ao trabalho proposto, teve início o trabalho de dinâmica de grupo com adolescentes, visando o desenvolvimento da maturidade de julgamento moral. Participou do projeto como coordenadora das dinâmicas, uma orientadora educacional que havia tomado parte no trabalho piloto mencionado acima. A orientadora conduziu um grupo de sétima série do Colégio de Aplicação da UFRGS, formado por 33 alunos, sendo 17 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Não houve possibilidade de se encontrar um grupo de controle equivalente, uma vez que a escola só conta com uma turma de sétima série e que o Colégio de Aplicação tem características muito distintas das outras escolas públicas ou particulares da região.

Foi utilizado como pré-teste e pós-teste o instrumento de Kohlberg.

Os alunos participaram de oito sessões de dinâmica de grupo com dilemas traduzidos de Blatt, Colby e Speicher (1974).

Os dados do pré-teste revelaram um escore médio de maturidade de julgamento moral mais elevado do que o esperado (escore de maturidade moral médio = 403), no estágio 4, já havendo alguns alunos em transição para o estágio 5, que já pertence ao nível pós-convencional, A média no pós-teste foi 416, sendo a diferença estatisticamente significativa ($t = 3,77$, $p < 0,001$) (veja Tabela 2). Observe-se que dada a amplitude dos escores, a maioria dos sujeitos apresenta elementos de estágio 3 e de estágio 5, e não necessariamente 4, o que não fica aparente nos escores médios.

Tabela 2

Resultados no pré e pós-teste em maturidade de julgamento moral - alunos de 7.^a série

	Pré-Teste (N=31)	Pós-Teste (N=31)	Ganhos (N=20)	t	P
Média	403	416	65%	3,77	< 0,001
Desvio padrão	42	34			

Foram muito valiosos os comentários e observações da orientadora que coordenou as dinâmicas, e são essas observações que levaram à preocupação com as idiossincrasias do caso brasileiro, foco desse trabalho, e que passamos a comentar a seguir.

Notou-se por parte dos alunos uma reação contrária a ter que escrever (nos pré-testes e pós-testes) e uma resistência a debater dilemas que lhes parecem longínquos de sua realidade, tais como "Os Astronautas" e "Discriminação Racial". Outros, como "A Livraria" são melhor aceitos, mas ainda assim os alunos resistem a discutir dilemas levados pelas orientadoras, preferindo discutir dilemas trazidos por eles mesmos. Por exemplo, um dia, propuseram discutir um problema ocorrido no colégio com um aluno que jogara uma pedra pela janela, atingindo um transeunte.

3) A terceira experiência foi conduzida com um grupo de 15 estudantes de Pedagogia da UFRGS, matriculados na disciplina opcional "Psicopedagogia da Sensibilidade". Com este grupo, foi utilizado como pré e pós-teste, o instrumento elaborado por Rest (1975), traduzido por Bzuneck (1979). Este instrumento, fundamentado também na teoria de Kohlberg, teria a vantagem de apresentar menor subjetividade nas avaliações do que o de Kohlberg, pois, enquanto este último envolve avaliações de respostas a perguntas abertas sobre dilemas morais, o instrumento de Rest é de avaliação objetiva, devendo o respondente colocar em ordem de preferência argumentos pró ou contra determinada decisão moral. Como cada argumento corresponde a um estágio, obtém-se, ao final, um escore percentual de pensamento pós-convencional (P), (estágios 5 e 6). Dificuldades práticas envolvidas em pesquisas experimentais de campo como esta inviabilizam a utilização de um grupo de controle.

Foram conduzidas 10 sessões, sendo metade dos dilemas utilizados, traduzidos de Blatt et al. e metade, dilemas "brasileiros", elaborados por alunos do mestrado em Psicologia Educacional, conhecedores da teoria e da técnica de Kohlberg.

A Tabela 3 apresenta os escores médios no pré-teste e pós-teste, os desvios padrão e o valor de t.

Tabela 3

Resultados no pré e pós-teste em maturidade de julgamento moral - alunos de Pedagogia

	Pré-Teste (N=15)	Pós-Teste (N=15)	t
Média	0,37	0,41	0,02 (NS)
Desvio padrão	0,13	0,15	

Os resultados indicam que os ganhos com as discussões de grupo não foram estatisticamente significantes. No entanto, através de uma análise posterior, observou-se que houve três alunas que baixaram consideravelmente do pré para o pós-teste. Estas faltaram, porém, a mais de três sessões. Eliminando-se os dados dessas três alunas, encontra-se um resultado que revela ganhos significantes, indicando que a técnica teve o efeito esperado (veja Tabela 4).

Tabela 4

Escores P médios no pré e pós-teste e o valor de t dos estudantes de Pedagogia que participaram de todas as sessões

	Pré	Pós
X	0,35	0,43
n	12	12
t=-2,85, p <0,01		

Os resultados por nós obtidos apontam algumas dificuldades da técnica de dinâmica de grupo sugerida por Kohlberg, para efetivar mudanças de estágio de julgamento moral, uma vez que nas três experiências aqui relatadas houve casos de perda, que obscureceram, em termos médios, os ganhos acentuados de outros sujeitos. Chamou-nos a atenção porém, o interesse dos participantes de discutir dilemas trazidos por eles próprios, surgidos na hora. Este fenômeno não ocorreu no estudo de Rodrigues (1977), o que se pode atribuir a variações na técnica, ou à baixa fidedignidade dos instrumentos, mas que também pode ser uma manifestação da maneira de pensar atual entre os jovens brasileiros, na atual conjuntura política. Com a Abertura e a Nova República, a necessidade de atuar, de participativamente é tão grande, em todos os setores, que certamente se manifesta na escola, nesse tipo de trabalho.

Esse fato é também coerente com estudos anteriores, da própria autora (Biaggio, 1975, 1976), e que indicaram uma menor incidência de pensamento tipo Estágio 4, entre os estudantes universitários brasileiros do que entre os norte-americanos, bem como um uso maior de estágio 3 em crianças e adolescentes de todos os níveis de idade estudados (10, 13 e 16 anos), enquanto que para os norte-americanos aos 10 anos prevalece o nível pré-moral (estágios 1 e 2) e para os de 16 anos já predomina o estágio 5.

É interessante notar que o predomínio de Estágio 3 ocorre também entre os adolescentes mexicanos, sugerindo similaridades entre as culturas latinas.

Essa baixa incidência de Estágio 4 poderia estar relacionada a diversos fatores, entre os quais, técnicas disciplinares. É possível que o uso de determinadas técnicas gerem menor internalização e esteja associado com determinado estágio de julgamento moral. O clima pedagógico de bastante liberdade e permissividade nas escolas estudadas também pode estar associado a esse fenômeno.

É possível ainda que numa cultura em que o Estágio 4 (lei e ordem) seja pouco freqüente, predomine certo espírito de rebeldia e participação ativa, que leve à não-aceitação de dilemas propostos pelo experimentador. Dadas as dificuldades manifestadas pelo grupo de adolescentes em aceitar os dilemas trazidos por nós, tentou-se trabalhar com um grupo de adolescentes, solicitando-se que elaborassem dilemas análogos aos de Kohlberg, isto é, contendo uma decisão moral em que estivesse envolvido um conflito entre a legalidade e a consciência.

Uma dificuldade, porém, surge com esse tipo de elaboração de dilemas pelo próprio grupo: grande parte dos dilemas que são trazidos, embora de interesse, não contêm elementos morais, ou não trazem em si o elemento essencial que é o conflito entre a lei e a consciência, entre o pensamento convencional e o pós-convencional, não sendo portanto adequados para as finalidades do trabalho proposto, como foi o caso do episódio do aluno que atirou uma pedra no transeunte. No entanto, alguns dilemas foram excelentes, refletindo bem esse conflito. Apresentamos no Anexo 1, um exemplo de um dilema elaborado por um adolescente de 15 anos.

Uma alternativa conciliatória tentada por nós foi a elaboração de dilemas por parte de alunos de mestrado em Psicologia Educacional, que, dentro da disciplina Psicologia do Desenvolvimento, responderam às Situações de Julgamento Moral de Kohlberg, discutiram alguns dilemas e estudaram a teoria de Kohlberg e a técnica de dinâmica de grupo. Com esse grupo, obtivemos um conjunto de dilemas, dos quais reproduzimos dois, a título de ilustração: "Colonos sem Terra", "índios vendem Madeira" (veja Anexo 2). Estes dilemas foram utilizados na Experiência 3, mencionada anteriormente.

Apesar de focalizarem conteúdos de relevância local, esses dilemas não despertaram discussões tão inflamadas quanto os dilemas originais de Blatt et alii no grupo de alunas de Pedagogia, mas sua eficácia em relação aos dilemas originais ainda não foi testada. É interessante notar o caráter nitidamente político desses dilemas elaborados pelos alunos de mestrado.

Com este trabalho, tentamos dar uma idéia das dificuldades encontradas na adaptação da técnica de dinâmica de grupo para aumento da maturidade de julgamento moral com sujeitos brasileiros. O que mais nos chama a atenção é a não aceitação de dilemas prontos e a reivindicação de trazerem seus próprios dilemas, o que pode ser talvez explicado em termos da conjuntura política e/ou de diferenças culturais mais estáveis.

Salientamos ainda que o alcance da teoria de Kohlberg e do trabalho de dinâmicas de grupo para aumento da maturidade moral é muito grande, especialmente no que tange à passagem do pensamento convencional para o pós-convencional. Numa sociedade em transição, a moral pós-convencional, que permite o questionamento crítico do "status quo" torna-se essencial a qualquer mudança. A adaptação e a utilização da técnica aqui discutida pode ser, portanto, um exemplo da contribuição da Psicologia Educacional para a solução de problemas sociais.

REFERÊNCIAS

- BIAGGIO, A. (1975). Estudo intercultural sobre julgamento moral: comparações entre universitários norte-americanos e brasileiros na escala de julgamento moral de Kohlberg. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 27(2), 71-81.
- BIAGGIO, A. (1976). A developmental study of moral judgment of Brazilian children and adolescents. *Interamerican Journal of Psychology*, 10, 71-78.
- BIAGGIO, A. (1983). Desenvolvimento de valores: um estudo piloto. *Educação e Realidade*, 3(1), 25-33.
- BLATT, M., & KOHLBERG, L. (1975). The effects of classroom moral discussion upon children's level of moral judgment. *Journal of Moral Education*, 4(2), 129-161.

- BLATT, M., COLBY, A., & SPEICHER, B. (1974). *Hypothetical dilemmas for use in moral discussions*. Cambridge, Mass., Moral Education and Research Foundation, Harvard University.
- BZUNECK, J. A. (1975). *Desenvolvimento moral: avaliação dos estágios Kohlbergianos em crianças e adolescentes de Londrina*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- BZUNECK, J. A. (1979). *Julgamento moral de adolescentes delinquentes e não-delinquentes em relação com ausência paterna*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
- KOHLBERG, L. (1963). The development of children's orientation toward a moral order I. Sequence in the development of moral thought. *Vita Humana*, 6, 11-33.
- KOHLBERG, L. (1964). The development of moral ideology. Em M. HOFFMAN. *Review of child development research*. N. York: Russel Sage Foundation.
- KOHLBERG, L. (1970). From is to ought how to commit the naturalistic fallacy and get a way with it in the study of moral development, Em T. S. MISCHEL (Ed.). *Genetic Epistemology*. N. York: Academic Press.
- LAZARI, J. S. (1978). Relações entre maturidade de julgamento moral e percepção das atitudes maternas e paternas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 30(3), 45-57.
- LAZARI, J. S. (1979). Relações entre maturidade de julgamento moral e características de personalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 31(4), 61-66.
- PIAGET, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Libr. Z. Alcan.
- REST, J. (1975). Recent research on an objective test of moral judgment: How the important issues of a moral dilemma are defined. Em D. De Palma, & J. Foley (Eds.). *Moral judgement: Current theory and research*. N. York: Wiley.
- RODRIGUES, A. D. B. (1977). *C desenvolvimento do julgamento moral em situação de sala de aula - um estudo quase-experimental*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ANEXO 1

O CASO DOS MORANGUINHOS COM AGROTÓXICOS

(*Maurício, 15 anos*)

João é um vendedor de frutas que tem uma banca na rua da Praia. Na época dos moranguinhos, ele soube que eles estavam contaminados com agrotóxicos. Mas, como a Secretaria de Saúde não havia proibido sua venda, João os estava vendendo. Um freguês comprou dois quilos de moranguinhos, mas, chegando na esquina, leu no jornal que estavam contaminados por pesticidas, que poderiam ser cancerígenos. O freguês voltou à banca de João e pediu para devolver os morangos e receber o dinheiro de volta.

- 1) Você acha que João tem obrigação de devolver o dinheiro? Por quê?
- 2) Você acha que o João deveria vender os moranguinhos, sabendo que estavam contaminados? Por quê?
- 3) E se o João precisasse muito do dinheiro, para sustentara si próprio e à família, estaria justificado em vender os morangos?
- 4) Você acha que o agricultor deve vaporizar as plantações com pesticidas, afim de obter maiores lucros, mesmo sabendo que são prejudiciais à saúde?

ANEXO 2

DOIS EXEMPLOS DE DILEMAS ELABORADOS POR ESTUDANTES DE MESTRADO DA UFRGS

ÍNDIOS VENDEM MADEIRA PARA NÃO MORRER DE FOME

O fato ocorre nas terras indígenas, localizadas na região do Planalto e Alto Uruguai. Induzidos pela ganância e exploração dos brancos, que lhes oferecem víveres e por vezes até cachaça, os índios do município do Planalto estão destruindo o pouco que ainda resta de suas matas.

Muito relutante e pensando bastante antes de cada palavra que pronuncia, o comerciante Pedro Barbosa é um desses intermediários que vai buscar a madeira no interior das terras indígenas para transformá-la em palanques de cercas que depois vende. Ele justifica a ação pelo fato de ser essa a única forma de negociar com os índios (no fundo ele demonstra saber que é irregular a exploração da madeira, mas não admite abertamente).

"Os índios compram mercadorias em meu armazém e não têm como pagar. Essa é a única forma de fazer uma troca, senão eles morrerão de fome".

- 1) E válido o argumento do comerciante?

2) Em que medida ele está ajudando os índios?

3) É válida a atitude dos índios?

OS COLONOS SEM TERRA

Um grupo de famílias sem terra invadiu, no interior do estado, uma área de propriedades do Estado. Os colonos lá chegando, começaram a organizar-se; dividiram a área entre as famílias, foram trazendo suas coisas e reconstruindo suas casas, iniciando a trabalhar na terra.

De conhecimento da invasão, o governo do Estado ordenou que um grupo da Brigada Militar fosse retirar os invasores. Estes resistindo, foram retirados à força do lugar.

1) Será correto invadirem áreas que não são sua propriedade?

2) No caso do governo do Estado não estar utilizando a área, e as pessoas necessitarem do lugar para trabalhar e alimentar suas famílias, você acha que os colonos poderiam invadir a terra?

3) Você acha que a Brigada Militar agiu bem, ao executar a função esperada, a de proteger a propriedade privada?

4) Você acha que é direito algumas pessoas possuírem quantidades imensas de terra (por herança ou aquisição), enquanto outras não possuem nenhuma?

5) Que solução o governo deveria dar para esse problema?

Artigo recebido em maio de 1985.